



UCRÂNIA

As condições de Putin para a paz

Presidente russo exige a retirada das forças ucranianas de regiões anexadas por Moscou e a desistência da adesão à Otan. Cúpula com dezenas de líderes mundiais debate conflito a partir de hoje

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de 842 dias de guerra e de dezenas de milhares de soldados russos mortos — segundo o Estado-Maior da Ucrânia —, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, anunciou as condições para uma paz negociada na ex-república soviética. “As tropas da Ucrânia devem se retirar completamente das regiões da República Popular de Donetsk, da República Popular de Luhansk, Kherson e Zaporizhzhia”, declarou o chefe do Kremlin, em discurso a funcionários de alto escalão do Ministério das Relações Exteriores da Rússia.

“Assim que Kiev (...) começar a retirada efetiva das tropas (das regiões anexadas), e assim que notificar que está abandonando seu planos de adesão à Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), daremos imediatamente, no mesmo minuto, a ordem de cessar-fogo e iniciaremos negociações”, acrescentou, ao prometer uma saída “segura e desimpedida” das forças ucranianas. O pronunciamento de Putin ocorreu na véspera da abertura da Cúpula Global da Paz, com a presença de dezenas de líderes mundiais, no resort de Bürgenstock, na Suíça.

A Ucrânia rejeitou as exigências de Putin, comparou-as ao

estilo do líder nazista, Adolf Hitler, e as classificou como “ultimato”. “Hitler fez a mesma coisa quando disse: ‘Dê-me uma parte da Tchecoslováquia e ficaremos aqui’, mas são mentiras”, disse o presidente Volodymyr Zelensky ao canal de notícias italiano SkyTG24, à margem da cúpula do G7 na Itália, antes de embarcar rumo à Suíça.

Putin criticou a cúpula deste fim de semana como uma “estratégia para desviar a atenção” dos culpados pela guerra, que, segundo ele, seriam o Ocidente e Kiev. “Sem a participação da Rússia e sem um diálogo honesto e responsável conosco, é impossível chegar a uma solução pacífica na Ucrânia”, alertou. O líder russo garantiu que 700 mil soldados de seu país combatem na Ucrânia.

A Cúpula Global da Paz contará com 57 chefes de Estado e de governo. Entre os mandatários, confirmaram presença o próprio Zelensky, os presidentes Javier Milei (Argentina), Gabriel Boric (Chile), Gustavo Petro (Colômbia), Daniel Noboa (Equador), Emmanuel Macron (França), Marcelo Rebelo de Sousa (Portugal), e os premiês Justin Trudeau (Canadá), Rishi Sunak (Reino Unido), Pedro Sánchez (Espanha), além do chanceler Olaf Scholz. Os EUA enviarão à Suíça a vice-presidente Kamala Harris.

Anatolii Stepanov/AFP



Crianças brincam sobre tanque de guerra russo destruído, na Praça Mykhailivska, no centro de Kiev

O Brasil estará representado pela embaixadora do Brasil na Suíça e em Liechtenstein, Cláudia Fonseca Buzzi.

Hipocrisia

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, afirmou que é preciso compreender o nível de hipocrisia

de Putin. “Basicamente, ele proclamou a anexação de quatro regiões da Ucrânia, mas não as controla totalmente. Por isso, o presidente russo exige a retirada das tropas ucranianas de Kherson, que foi reconquistada pelos nossos soldados; e de Zaporizhzhia, que nunca esteve totalmente sob posse da Rússia. Não se trata de uma proposta de Putin para pôr fim à guerra; ele apenas

repete suas ideias sobre a anexação da Ucrânia. As condições de Putin são um reflexo de seu desejo de destruir o Estado ucraniano”, disse ao **Correio**.

Em relação à demanda para que a Ucrânia abandone suas aspirações de se tornar membro da Otan, Haran lembra que Putin atacou a ex-república soviética mesmo quando ela era um Estado neutro a anexou a Península

da Crimeia, em 2014. “Naquela época, os ucranianos não queriam ser parte da aliança militar ocidental. Se a Ucrânia, futuramente, recusar a adesão à Otan e permanecer neutra, Putin voltará a atacar o nosso país”, advertiu. “Nós éramos um Estado neutro e, mesmo assim, fomos atacados.”

Para o estudioso de Kiev, o fracasso da Rússia na invasão se explica pelo fato de que os ucranianos sacrificam a própria vida para defender o país. “O Exército russo demonstrou não ser eficiente e começou a bombardear civis e a infraestrutura energética, além de sitiar centrais nucleares”, comentou. Haran destaca a importância da Cúpula Global da Paz, na Suíça. “Ela trará diferentes Estados à mesa para intensificar a pressão sobre a Rússia.”

Ex-Conselheiro do presidente do Comitê do Parlamento da Ucrânia e chefe da ONG Primeira Fundação Ucraniana Internacional para o Desenvolvimento, Mykola Volkyvskyi disse à reportagem que o discurso de Putin foi construído como resposta aos acordos de segurança assinados durante a cúpula do G7, na Itália. “Putin também aproveitou a última chance de assustar os participantes da Cúpula Global da Paz. Também lançou um aviso antes da cúpula da Otan, que ocorrerá em Washington, entre 9 e 11 de julho.”

REINO UNIDO

Princesa Kate fará primeira aparição em meses

A princesa Kate Middleton assistirá ao desfile de aniversário do rei Charles III neste fim de semana, sua primeira aparição pública oficial em meses, segundo anunciou em uma mensagem nas redes sociais. O texto também informou que o tratamento dela contra o câncer “tem bom progresso”. “Espero ansiosamente assistir ao desfile de aniversário do rei neste fim

de semana”, afirmou Kate, que não participa de nenhum evento público desde dezembro.

A mulher de William, o príncipe herdeiro, publicou a mensagem nas redes sociais, atualizando seguidores sobre seu estado de saúde pela primeira vez desde que anunciou, no fim de março, que sofre de câncer, embora não tenha dado detalhes.

Kate Middleton afirmou estar

fazendo “bons progressos, mas como qualquer pessoa que passe pela quimioterapia sabe, há dias bons e dias ruins”, afirmou ela, acrescentando que há dias “em que você se sente fraca, cansada e tem que deixar o seu corpo descansar. Mas, nos dias bons, quando se sente mais forte, deseja aproveitar ao máximo ao se sentir bem”.

O comunicado foi publicado

junto a uma fotografia da princesa de pé em frente a uma árvore e a um rio, tirada no início da semana em Windsor, no oeste de Londres. “Meu tratamento continua e o farei por mais alguns meses”, disse. Acrescentou ainda, que espera “poder participar de alguns compromissos públicos durante o verão”, embora tenha afirmado que ainda não está “fora de perigo”.

“Ser paciente”

Kate afirmou, ainda, que começou a “trabalhar um pouco de casa” quando se sente “bem o suficiente”. “Estou aprendendo a ser paciente, sobretudo diante da incerteza. Vivendo um dia de cada vez, escutando o meu corpo, permitindo ter este tempo tão necessário para me curar”, contou a princesa de 42 anos.

The Royal Family/X



Kate em fotografia tirada no começo da semana, em Windsor

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

A Rússia nas barbas de Fidel e Tio Sam

A cena não era inédita nem insólita, ainda que tampouco chegue a ser corriqueira. Uma flotilha da Marinha da Rússia aportou dias atrás em Havana, entre trocas de disparos festivos de canhões. A fragata Almirante Gorskov e o submarino de propulsão nuclear Kazan chegaram a Cuba depois de praticar disparos de mísseis no Atlântico. Passam este fim de semana ancorados a menos de 150km da Flórida.

As três partes trataram de assegurar que a presença dos navios russos no cenário de um dos episódios mais graves da Guerra Fria não representa ameaça à segurança regional e internacional. Mas, entre observadores de diferentes extrações, o movimento é interpretado no contexto da situação delicada nas relações entre as duas principais potências nucleares. Em especial, pelo

confronto indireto que travam há mais de dois anos na Ucrânia.

A contradição entre russos, cubanos e norte-americanos nas águas do Caribe coincide com a assinatura de um acordo bilateral de segurança entre EUA e Ucrânia. Ele vale por 10 anos e prevê a capacitação das Forças Armadas ucranianas para enfrentar a Rússia, além do desenvolvimento da indústria bélica. O texto foi firmado pelos presidentes Volodymyr Zelensky e Joe Biden na Itália, durante a cúpula do G7 — que aprovou empréstimos anuais de US\$ 50 bilhões para o governo de Kiev, sustentados por ativos do Kremlin congelados no Ocidente.

Dito e feito

A notícia sobre as manobras navais e a visita da flotilha russa

à vizinhança imediata dos EUA seguiu-se a mais um degrau na escalada de tensão que acompanha a guerra. Biden somou-se a outros governantes ocidentais e autorizou Zelensky a usar armas americanas de longo alcance contra alvos em território russo — não mais apenas em regiões ocupadas.

Em resposta, Vladimir Putin declarou que a Rússia poderia espelhar o movimento, fornecendo armento semelhante a terceiros países ou atores não estatais que tenham no alcance alvos ou interesses dos EUA e seus aliados. Quando invadiu a Ucrânia, em 2022, o Kremlin elencou entre seus motivos impedir que a Otan, aliança militar liderada por Washington, colocasse a Rússia vulnerável a mísseis de última geração.

Refilmagem

Entre observadores e insiders, circulam indícios de que Putin poderia ter em vista a instalação de uma base naval na ilha. O recado endereçado à Casa Branca teve nas entrelinhas os exercícios com mísseis no Atlântico.

Coincidência ou não, visitaram Moscou nos últimos dias dois altos emissários do regime cubano: o chanceler Bruno Rodríguez e o vice-premiê Ricardo Cabrisas.

Também não escaparam às atenções alguns paralelos com a Crise dos Mísseis, de 1962, que colocou os EUA cara a cara com a hoje extinta União Soviética. O incidente começou com aviões-espiões americanos fotografando a montagem de rampas de lançamento de mísseis em Cuba. O presidente John Kennedy impôs um bloqueio naval à ilha e exigiu de Moscou a remoção das estruturas, que permitiriam disparar artefatos nucleares capazes de atingir cidades americanas sem tempo de reação.

Com uma força-tarefa naval soviética a meio caminho, no Atlântico, Kennedy e o líder da URSS, Nikita Krushchev, chegaram a um acordo pelo qual o Kremlin tirou o time de campo a tempo de evitar um confronto direto.

De camarote

A diplomacia brasileira pôde assistir aos últimos lances da

queda-de-braço entre Moscou e Washington de posição privilegiada. Durante a semana, o chanceler Mauro Vieira esteve na Rússia para uma reunião com os colegas do Brics ampliado, em Nijni-Novgorod — a cidade que, no período soviético, levava o nome do escritor Máximo Gorki.

O ministro ouviu elogios do colega russo, Sergei Lavrov, à declaração conjunta China-Brasil sobre a guerra da Ucrânia, divulgada durante a recente visita a Pequim do ex-chanceler Celso Amorim, hoje assessor especial do presidente Lula. O texto endossa um plano de 10 pontos proposto pelo regime chinês. Tem como linhas mestras a abertura de conversações diretas entre as partes, com retaguarda de um conjunto de países, e define como ponto de partida para negociações a situação presente no terreno de combate — ou seja, com parte do território ucraniano ocupado pela Rússia.

Entre amigos

O encontro de chanceleres do Brics foi mais um lance da

ofensiva diplomática com que o Kremlin trata de complementar os avanços conseguidos na frente de batalha. Nas últimas semanas, Putin visitou a China e ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, como Azerbaijão e Uzbequistão. Depois, recebeu delegações de alto nível de 40 países no Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo. Ásia, África e América Latina marcaram presença.

Neste fim de semana, será a vez de Zelensky reunir-se, na Suíça, com emissários esperados de 60 a 90 países. O resort alpino de Bürgenstock sedia uma cúpula de paz convocada pelo presidente ucraniano com base em seu próprio plano para o conflito — que tem como ponto de partida a retirada das tropas russas para as fronteiras internacionalmente reconhecidas. Putin não foi convidado. Dos demais quatro fundadores do Brics, China e Brasil decidiram não participar e propor uma reunião futura com a presença de ambas as partes. A África do Sul também estará ausente, e a Índia estudava enviar observadores.